

APOSTILA AULA 06

TEOLOGIA

E DOCTRINA DE UMBANDA

TRADIÇÃO DO CHÃO DE JORGE

AULA 06 - LINHAS DE TRABALHO

O material aqui exposto é o resultado de anos de estudo e vivência no campo da espiritualidade e da investigação do mundo oculto, principalmente no contexto Umbandista.

É vedada toda cópia ou reprodução seja ela parcial ou total, sem a anuência expressa por escrito do seu autor: Douglas Rainho.

O material aqui contido é parte integrante do curso "Teologia e Doutrina de Umbanda - Tradição do Chão de Jorge" e não deve ser disponibilizado individualmente.

A comercialização deste material, feita por qualquer outro indivíduo ou fora da plataforma original é passível de punições previstas na legislação vigente.

LINHAS DE TRABALHO NA UMBANDA

Na Umbanda muitos confundem as SETE LINHAS DE UMBANDA com as LINHAS DE TRABALHO. Aqui devemos, antes de mais nada, ressaltar a ideia de que a palavra LINHA tem vários significados e que podem mudar de terreiro para terreiro, mas em linhas gerais LINHA quer dizer um conjunto de práticas ou de similaridades.

Quando falamos de LINHAS DE TRABALHO, estamos agrupando determinados arquétipos de espíritos por similaridade. Apesar dos espíritos serem diferentes entre si, afinal eles possuem suas próprias personalidades e experiências de vida, eles tem algumas semelhanças, por exemplo os caboclos tem entre eles a questão do sangue nativo, do povo original, seja de forma pura ou mista, por meio do encontro entre um branco e um indígena ou de um indígena com um negro.

Dentro da Umbanda, temos duas linhas que se manifestam em quase todas as casas ditas de Umbanda, que são: Caboclos e Pretos-Velhos.

Em alguns casos vemos autores formando a ideia de uma tríade, um triângulo de forças, no caso: Caboclo, Preto-Velho e Criança, em outros Caboclo, Preto-Velho e Exu¹. Contudo, já vi até mesmo a seguinte formação: Caboclo, Preto-Velho, Criança e Iaras², sendo que as Iaras eram os seres encantados das águas.

Dentro da prática do Chão de Jorge definimos que as linhas principais e primordiais são: Caboclo e Preto-Velho.

Apesar que podemos pensar até mesmo na questão da tríade como Caboclo, Preto-Velho e Encantados, contudo a conformação oficialmente adotada é a da dupla Caboclo e Preto-Velho.

Mas, neste momento vocês podem estar confusos se perguntando, onde fica o Baiano, o Boiadeiro, o Marinheiro, a Criança e os outros espíritos que se manifestam na Umbanda? De certa forma, eles estão inseridos nas outras linhas de trabalho.

Veremos adiante sobre isso...

¹ Essa é uma estruturação equivocada, afinal Exu não faz parte da Umbanda apesar de se manifestar nesta.

² Usada antigamente por Antônio Alves Teixeira Neto.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL PRÉ-COLONIAL

Não dá para falar de Caboclos sem antes falar do povo formador que são os povos indígenas. A base da cultura e da magia que os caboclos trazem vem por meio da sua origem indígena.

Quando dizemos indígenas ou índios a imagem que nos vem à mente é de um povo indolente, vivendo em clima bucólico e isolado. Essa imagem está longe de ser verdadeira. Essa visão deturpada advém da eurocentralização e do estímulo colonial que ainda vivemos.

Os povos indígenas tinham uma sociedade complexa, possuíam diversas linguagens diferentes, tão diferentes que os linguistas até hoje tentam achar um elo comum dentre estas.

Para um entendimento mais amplo, podemos dizer que a linguagem define a cultura e como o povo se identifica. Na Europa grande parte das línguas tem uma raiz única que é a indo-europeia, desta forma mesmo o inglês, o alemão e o latim comungam de uma origem única.

Claramente vemos essa proximidade linguística nas línguas latinas ou romanas, como é o caso do Português, do Espanhol, do Francês, do Italiano e do Romeno. Todas estas foram derivadas do Latim, após a expansão do Império Romano.

Contudo aqui na América existiam mais de 1.500 línguas diferentes e muitas delas de grupos solitários, sem relação com outras línguas. O que mais entendemos como língua indígena é a chamada Língua Tupi-Guarani, que na verdade não é uma única língua mas um tronco linguístico que abarca várias línguas de raiz Tupi ou Guarani.

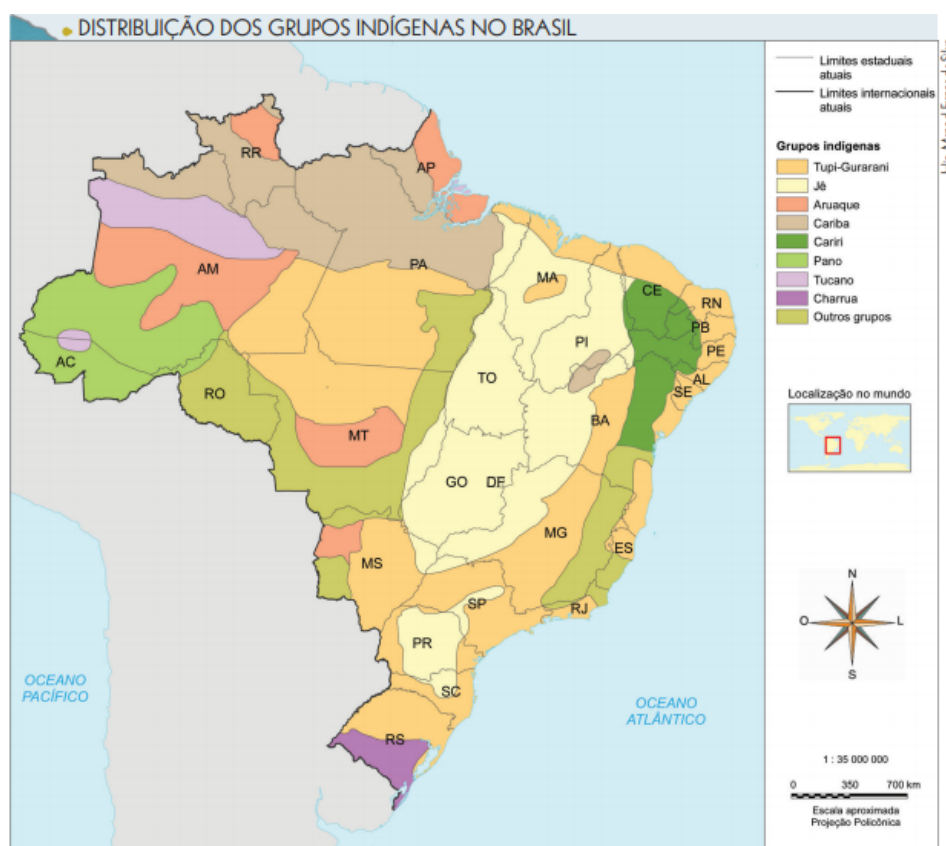
Mas ainda temos várias outras denominações como os Arauks., o povo do tronco linguístico Macro Jê e muito mais que não são categorizados em famílias. É muita coisa!

Desta forma também podemos dizer que a estrutura religiosa deles também é plural e que nem todos reconhecem os deuses Tupis.

Temos que expandir a cabeça nesses processos.

A maioria dos indígenas que tiveram contato com os primeiros europeus e que acabou tendo um contato por mais tempo eram do tronco Tupi-Guarani, pois estes viviam no litoral da terra que hoje conhecemos como Brasil.

Justo nisso devemos ter cuidado ao falar sobre os povos indígenas, pois geralmente os olhamos pelo nosso olhar eurocentrista.



Um exemplo clássico disto é a palavra Cacique que usamos para designar o chefe político e militar de uma aldeia ou tribo. Contudo esse termo é de origem da língua Carib, presente nas ilhas do Caribe e que tem origem Taino.

Os próprios líderes indígenas do Brasil (ou onde é hoje o Brasil) nunca se identificaram desta forma, não se reconheciam por esse nome. Um dos termos usados era Morubixaba, mas existiam outros termos: curaca, murumuxaua, muruxaua, tuxaua.



Imagem cedida gentilmente pelo pessoal do podcast Geopizza. Recomendo demais os programas deles.

OS CABOCLOS NA UMBANDA

Alguns usam a palavra **caboclo** para se referir aos filhos de indígenas com europeus, contudo essa é uma visão popular. O termo correto usado é **mameluco**.

O termo Caboclo é um termo mais amplo utilizado também para designar os filhos de indígenas com europeus, mas também para se referir aos mestiços como um todo, quase uma alusão ao povo mais simples, ao povo do interior ou ao caipira como é falado no sudeste.

Entretanto, esse termo ganhou uma nova conotação na Umbanda, geralmente associado a índios (nativos sul-americanos e norte-americanos) que se manifestam nas giras de atendimento de Umbanda.

Temos ainda como separar os caboclos em: Caboclo Índio, Caboclo de Pena e Caboclo de Couro.

Inclusive, pela história, quem fundou a Umbanda no plano material foi um caboclo, denominado Caboclo das 7 Encruzilhadas, através do médium Zélio Fernandino de Moraes.

Os caboclos trazem consigo a energia das matas e são sustentados pela força de Oxóssi, então podemos dizer que o Orixá que irradia (vibra) para essa linha é Oxóssi, que é o Orixá da Busca, Senhor das Matas, da Fatura e da Caça, também é considerado detentor de conhecimentos e chamado de grande feiticeiro.

Por isso vemos que os caboclos geralmente são espíritos aguerridos, austeros, com uma forte presença física e por vezes falam com um sotaque meio arrastado podendo ou não intercalar algumas palavras que não são bem compreendidas, que podem ser resquícios de línguas nativas perdidas, entoações de preces ou cantos xamânicos e também tupi-guarani, aruak, línguas tukanas e do macro-jê.

Usualmente, os caboclos chegam (incorporam) dando um grito, o qual denominamos brado. É uma forma de mantra para alguns e um grito de guerra para outros.

Contudo isso não é uma regra, muitos trabalhadores dessa linha chegam em silêncio e mantêm um porte e uma fala impecáveis, pois devemos sempre nos lembrar que caboclo é um grau e não uma condição, dentro da Umbanda.

Podem existir caboclos trabalhando sobre a vibração de três Orixás principalmente, segundo a Umbanda Tradicional, são eles: Oxóssi, de Xangô e de Ogum.

Apesar de mais raras, também encontramos caboclas nas linhas de Oxóssi, Xangô e Ogum, contudo é mais comum elas virem na vibração de Iemanjá, Oxum e Iansã.

Porém cada cabocla tem sua particularidade, geralmente as caboclas de Iemanjá e Oxum são encantados que não falam, seres como ondinas, sereias e ninfas, também às vezes chamadas de falangeiras.

Já as caboclas de Iansã, são também conhecidas como caboclas dos ventos. Estar dentro de uma falange não implica que um caboclo não possa vir cruzado, em outras palavras, sob irradiação de outro Orixá, como é o caso de um caboclo Rompe-Mato, que é um caboclo de Ogum, cruzando na energia de Oxóssi.

O Caboclo representa o homem maduro, porém ainda não velho, que traz consigo a força e o vigor, que vai em busca de seus objetivos.

A cor associada a essa linha de trabalho é o verde, porém cada falangeiro pode ter cores seguindo os preceitos dos seus Orixás irradiadores, por exemplo, um Caboclo 7 Montanhas pode usar vela verde e também marrom ou até mesmo vermelha. Um Caboclo Rompe-Mato geralmente se utiliza de velas verdes, vermelhas e brancas, assim por diante.

Trabalham bastante com charutos, cachimbos de Jurema ou Angico, velas, fitas e pedras. Geralmente atuam na frente do médium, sendo seu mentor ou guia-chefe (porém não é regra).

Eles são profundos conhecedores das propriedades das ervas, principalmente a linha dos pajés. Por meio de unguentos, chás, banhos e defumações conseguem obter melhoras e curas que por muitos são tidas como milagrosas.

É válido lembrar que a medicina ortodoxa se utiliza de alguns princípios ativos das plantas em seus medicamentos, a aspirina é um desses exemplos.

Os caboclos também são grandes doutrinadores, através de conversas e conselhos, muitas vezes de forma direta e até um pouco rústica, conseguem fazer o consulente enxergar os caminhos errados que estão tomando e tomar consciência do que precisam mudar em suas vidas para atingir os intuitos desejados.

São profundos conhecedores também da psique humana, tratam os trabalhos de consulta como verdadeiras sessões de terapia, onde aprofundam o consulente do seu emocional em busca de suas respostas e para saciar suas inquietações.

Sua atuação pode ser ampla, mas eles são especialistas nos domínios de Oxóssi: cura, fartura, conhecimento, etc. E também podem trazer os domínios ou atributos dos seus Orixás de vibração, um caboclo de Ogum trará a Retidão, um de Xangô trará a justiça, o Equilíbrio, a Razão, etc.



Ponto de Força: Matas.

Bebidas ritualísticas: Cerveja, água de fonte, água com mel, suco de frutas, água de coco.

Comidas: Todas as frutas, legumes e hortaliças.

Flores: Todas, principalmente as flores de campo.

Saudação: Okê Caboclo! Okê Cabocla!

Oferendas: As mesmas que são oferecidas para Oxóssi, com alteração de alguns elementos.

Cores: Verde e Branco.

Alguns nomes de caboclos: Arranca-Toco, Cobra-Coral, Tupã, Araribóia, Folha Verde, Samambaia, Caçador, Iara, Janaína, Jurema, Jussara, Jupira, Ventania, Rompe-Mato, 7 Flechas, 7 Folhas, 7 Matas, Pena Azul, Pena Branca, Pena Dourada, Pedra Roxa, Pedra Preta, Pedra Branca, Caiçara, Aymoré, Caramuru, Tupinambá, Tamandaré, do Sol, da Lua, 7 Estrelas, Urubatão, etc.

CABOCLOS E CABOCLAS

*“Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caboclo não tem caminho para caminhar,*

*Caminha por cima das folhas,
Por baixo das folhas,*

*Por todo lugar.
Okê, caboclo.”*

A Umbanda começou com os caboclos.

Algo que não poderia ser mais simbólico do que isso, pois justamente o povo indígena foi o povo natural e original do continente americano.

Carregando o nome caboclo, trouxe a herança mista entre o europeu e o indígena, em busca de uma identidade nova, uma identidade brasileira, onde a crença nos ancestrais, nos encantados e também nas novas culturas que agora atravessavam o Oceano Atlântico, poderiam encontrar morada.

Engana-se quem acha que o caboclo só começou a aparecer após 1908, com o advento da Umbanda trazida por Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Eles já habitavam aqui, em outras roupagens e só se adaptaram à nova situação que a terra apresentava. Fato semelhante também ocorreu no Haiti com os Loas, que eram ancestrais do local, mas começaram a se apresentar de terno, gravata e cartola, absorvendo a cultura do europeu que agora colonizava sua terra, mas sem deixar de lado as práticas ritualísticas das ilhas caribenhas.

Para a Umbanda, como não há culto aos Orixás e Santos, a figura com quem se dá o contato direto é justamente as linhas de trabalhos ou de entidades.

Além de ser a linha que fundou a Umbanda, também é a linha de trabalho com mais representantes em todas as Sete Linhas. Podemos encontrar caboclos nas linhas das Matas (Oxóssi), de Demanda (Ogum), da Justiça (Xangô), dos Ventos (Iansã), das Águas (Iemanjá) e na Linha de Santos e Almas. Só não encontramos caboclos, da forma que caboclo se manifesta na Umbanda, dentro da linha de Oxalá.

Todos são irradiados por uma força maior que é a força das Matas, então não importa se o caboclo trabalha na Linha de Demanda (Ogum), ele ainda assim terá a força raiz sendo emanada da Linha das Matas.

Isso é o que em jargão de terreiro chamamos de Caboclos Cruzados ou Cruzamento de Forças. Por exemplo, o Caboclo Rompe-Mato, apesar de ser um caboclo

de Ogum, trabalha diretamente com a força de Oxóssi e algumas vezes com a de Xangô. Podemos dizer então que o Caboclo Rompe-Mato é um caboclo de Ogum, cruzado com Oxóssi e Xangô.

Mas e no caso de um Caboclo das Sete Pedreiras? Esse é um caboclo tipicamente de Xangô, mas de qualquer forma ele terá o cruzamento com Oxóssi, pois ele é um Caboclo.

Podemos encontrar outra forma de se expressar isso, no caso deste caboclo podemos dizer que é um caboclo de Xangô que faz sua entrega para Oxóssi ou vice-versa. No caso do Caboclo Rompe-Mato, é um caboclo de Ogum, que faz sua entrega para Oxóssi e Xangô.

Aprender de onde provém o caboclo ou cabocla é muito importante para o médium, pois isso lhe será cobrado no seu ritual de confirmação de coroa.

Justamente por isso é preciso que se mantenha uma proximidade com seus guias, prestando atenção ao seu jeito de trabalhar e também ouvindo seus conselhos e recados.

Eles podem até mesmo dizer claramente, mas geralmente não o fazem, pois entendem que esse descobrimento tem muito a ver com a busca e evolução de cada médium.

Outra forma de descobrir de que linha é um determinado caboclo é analisando seu ponto-riscado.

Neste, serão apresentados elementos das forças com as quais ele cruza. Por incrível que possa parecer de momento, alguns caboclos trabalham para diversas forças, não precisando ficar circunscrito a uma, duas ou três.

Os caboclos, apesar de poderem vir de todas as linhas, são mais frequentemente encontrados nas linhas de Oxóssi, Ogum e Xangô.

Cada um terá um comportamento, temperamento e forma de agir muito particular. Aqui devemos ressaltar que mesmo que haja dois caboclos Girassol em um só terreiro, ambos podem ser bem diferentes entre si, pois ainda são indivíduos.

O nome que geralmente uma entidade carrega, quer designar a falange a qual ela pertence, ou poderíamos dizer, em quais atributos ela melhor se encaixa.

São como profissões, existe o João mecânico e o José mecânico, ambos são mecânicos, mas os dois são completamente diferentes entre si, porém ambos sabem como arrumar um carro e inclusive agem da mesma forma, quando estão consertando o veículo.

A princípio todos os caboclos podem receber suas oferendas e entregas nas matas, porém não é algo que eu pratico, devido a poluição deixada na natureza e a falta de responsabilidade de quem faz a entrega.

Muitos incêndios ocorrem por falta de cuidado de umbandistas, ao acenderem suas velas nas matas. O correto da oferenda é ficar o tempo todo lá, enquanto se "arriar"³ a oferenda, só deixando o local após as velas terminarem de queimar. Claro, que você só vai embora depois de levantar tudo e jogar tudo que é lixo, no lixo.

Um Caboclo muito saudado nos trabalhos de terreiros velhos e tradicionais é o Caboclo Caramuru, porém como sabemos pela história Caramuru foi um português originalmente chamado Diogo Álvares Correia, que passou a vida entre os indígenas.

Inclusive devido a sua origem e por ser labioso recebeu o nome de Caramuru, que em tupi Karamu'ru significa lampreia ou piramboia.

Ora, era um branquelão europeu que viveu com os indígenas mas que se manifesta em linhas de caboclo?

Logo podemos perceber que caboclos são aqueles espíritos que tiveram influência da cultura indígena (e não apenas a conheceram) e mergulharam nela, vivenciando-a.

Vamos adentrar um pouco as múltiplas linhas de trabalho, para compreender um pouco a atividade de cada um dos diferentes tipos de caboclos.

³ Arriar é colocar a oferenda no chão, entregá-la.

CABOCLOS DE OXÓSSI

Talvez sejam os mais conhecidos e os mais ativos na lide do terreiro e da consulta.

São geralmente mais falantes, podem até empreender algumas brincadeiras e sorriem com facilidade.

Inclusive essa característica pode passar para os caboclos cruzados diretamente com Oxóssi, caso de um Caboclo Raio da Mata. Apesar de ser um caboclo de Xangô, cruzado com Iansã, também tem traços de Oxóssi e é capaz desta entidade fazer algumas brincadeiras, para distrair o consulente dos seus sofrimentos. Algo que não ocorre com um caboclo Itapurá por exemplo, que é puramente Xangô.

Você percebe também que gostam de falar com jargões das matas, possuem geralmente luas, flechas e arcos em seus pontos riscados. Trabalham bastante com ervas, frutas, flores e sementes, inclusive receitam muitos remédios populares, unguentos, chás, emplastos, entre outros.

Seu brado geralmente é mais agudo e longo, podem se ajoelhar, mas nem sempre o fazem. Alguns imitam com as mãos os trejeitos de um arco e flecha, apesar de que isso também pode ser sugestionado pelo médium.

Seus campos principais de atuação são o aconselhamento, a direção, a saída em busca de uma oportunidade, a fartura, a prosperidade, a cura, a caça e também o autoconhecimento.

São chefes carismáticos e extremamente de bem com a vida, porém quando são compelidos a ir em uma busca, não medirão esforços e se comportarão como o Grande Caçador que os rege.

Tem atividades magnéticas e energéticas mais fortes durante as fases das luas Crescente e Cheia, pois há mais luminosidade para embrenha-se nas matas e procurar a sua caça, que essa simbologia pode ser o amor-próprio, que jaz perdido, do consulente.

Traz dentro de suas cores o verde e o branco, acendendo velas destas mesmas cores e raramente aceitando outros elementos materiais, quando não muito as ervas.

Podem se manifestar fumando o charuto de folhas de tabaco e também o cachimbo de Angico/Jurema.

O grande Pajé faz parte dos caboclos de Oxóssi e comunga diretamente com a força que conhecemos como Ossaim.

Todos os animais das matas, desde o mais simples inseto até a Yawara (Onça-Pintada) estão sob sua responsabilidade, ativando os encantados que muitos confundem com a figura mitológica do Curupira, para ir atrás daqueles que matam os habitantes da floresta, sem uma justificativa plausível.

CABOCLOS DE OGUM

Os caboclos de Ogum já foram muito mais conhecidos do que são atualmente, justamente pela forma que a Umbanda toma nos nossos dias contemporâneos.

Esses caboclos são extremamente rígidos em suas condutas, não permitindo que ninguém fuja da lei de Causa e Efeito, por mais que lhes doa certas situações.

Eles, ao contrário do que muitos pensam, sofrem e padecem pelo sofrimento dos filhos-de-fé, mas entendem que tudo tem um propósito maior, assim ajudando a cada indivíduo a encontrar esse propósito.

São extremamente racionais e possuem aliados muito poderosos no mundo dos encantados, principalmente elementais eólicos e também ígneos, os mais conhecidos são os silfos e as salamandras, mas não se restringe por aí.

Um dos encantados das matas conhecido pelo folclore como mbaeta'ta (boitatá) é um de seus comandados e age de acordo com os ditames dos caboclos mais graduados dentro das falanges de Ogum.

Esses caboclos, justamente por terem um raciocínio aguçado, são exímios doutrinadores de mentes desequilibradas, trazendo ordem a um local que reina o caos. Atuam também nas desordens biológicas, físicas, mentais, emocionais e espirituais, sendo ótimos curadores, porém não curam exatamente como os feiticeiros de Oxóssi.

Esses caboclos, em contraponto aos de Oxóssi, que são vistos mais dentro das matas, são mais comuns entre as matas e a "civilização", fazendo essa ponte, sendo intermediário destes.

Justamente por essa simbologia atuam no inconsciente e no consciente da pessoa, fazendo esse elo entre os dois, para que então desordens de ordem psicológica sejam compreendidos, aceitos e tratados em um processo de autocura guiada pelos Caboclos de Ogum.

Não são tão falantes como os de Oxóssi e nem tão brincalhões, mas de vez em quando deixam escapar um sorriso. Respiram muito forte e de maneira carregada, sendo um desafio no começo das manifestações espirituais para médiuns mais novos.

Em seus discursos é muito comum ouvir jargões militares ou de ordem, demonstrando exatamente a quem servem. Agem tanto na Lua Cheia, quanto na Minguante de forma mais potente em seus domínios.

Durante a Lua Cheia estão realmente cheios de energia, totalmente empoderados e podem empreender batalhas espirituais, que outros caboclos não conseguiriam, justamente por isso vão a frente nas expedições em zonas umbralinas, conjuntamente com as outras falanges de caboclos.

Durante a Lua Minguante também possuem o poder de ceifar, simbolizado pela lâmina de aço que representa Ogum e São Jorge. Inclusive são os caboclos que menos usam arco-e-flechas em seus pontos, geralmente preferindo luas, meia-luas, folhas, estrelas e lanças, para apresentarem suas forças nos pontos riscados.

Não há uma falange melhor que a outra no geral, mas existem falanges melhor qualificadas para determinados trabalhos. Assim como é na nossa terra, não vamos pedir para um padeiro fazer uma cirurgia cardíaca, pois ele não teve treinamento para isso, assim como não pediremos a um médico para fazer um pão, pois o mesmo não saberá todos os mistérios para criar a saborosa massa de farinha assada. Todos têm suas posições e suas funções e todos se respeitam.

Podem se apresentar com animais de poder, tais como cavalos, lobos, aves de rapina (coruja, falcão, gavião, águias, carcarás, etc) e também com cachorros.

Geralmente não há pajés dentro dessa linha de trabalho, mas pode ocorrer de um Pajé de outra linha ter um cruzamento de forças com a linha de Ogum.

Não são muito afeitos a usar o tabaco⁴, mas podem usá-lo em casos muito específicos.

Traz dentro de suas cores o verde, o vermelho e o branco, podendo combinar outras cores com estas, mas geralmente o verde o vermelho estarão presentes.

Tem um mistério conjunto com a Jurema (encantada) e costuma trabalhar muito com velas (de diversas cores) por causa do elemento fogo e também com pedras, cristais e minerais (apesar de ser um elemento mais ligado a Xangô, mas os caboclos de Ogum também usam, esporadicamente).

Bradam de forma mais tranquila e rápida que um caboclo de Oxóssi e costuma não ser tão agitado durante as consultas, mantendo sua posição de sentinela o tempo todo. Costumam receber suas entregas em caminhos, trilhas e no entrecruzamento de matas e cidades.

CABOCLOS DE XANGÔ

Esses caboclos praticamente encerraram suas participações nas giras de Umbanda, devido ao preconceito criado por muitos praticantes de que o caboclo tem que ser ativo e falar muito.

Os caboclos de Xangô não são de muita conversa, geralmente estão dentro dos grupos de socorro espiritual para avaliar se uma demanda é ou não justa e necessária.

Atuam dizendo para os demais caboclos e entidades, quais devem ser as penas e prerrogativas de um trabalho, seja no plano material, no plano espiritual e nas zonas umbralinas.

⁴ Por se tratar de uma ferramenta do Pajé.

Trazem dentro de seus simbolismos tanto o machado, quanto a balança, lembrando a todos que o que importa de fato é o equilíbrio, ainda podem usar o borduna como instrumento de poder marcial.

Se apresentam de maneira mais rústica, bruta, firme e quase nunca - quando incorporam - bradam muito longamente ou se jogam ao chão. Geralmente se manifestam com os punhos cerrados e batendo no peito.

O machado que é seu símbolo e também da Força que o sustenta de certa forma, acabou sendo muito mal interpretado. Os caboclos de Xangô se utilizam de machados feitos de pedras, com corte de apenas um lado. Os índios brasileiros não sabiam manufaturar os metais, logo suas ferramentas - em grande maioria - eram feitas com madeiras, ossadas, mandíbulas, garras e pedras.

Trabalham com os encantados das pedreiras, das cachoeiras e dos rochedos, mantendo o equilíbrio das coisas, mineralizando a água e levando-a a todos que dela necessitam.

Justamente por isso, atuam de forma curativa através do passe energético na água e também podem utilizar-se de cristais, pedras e metais para produzir uma modificação energética no corpo astral daqueles que com eles consultam.

Seu discurso sempre será rápido e certo, então não podemos esperar muitos mimos advindos de um caboclo de Xangô.

O mais importante aqui é ver que é o caboclo mais "civilizado" aquele que vive mais próximo a cidade e que compreende o sistema de leis que regem uma sociedade. A ele não cabe dizer se infringiu a lei, mas sim a julgar a pena do indivíduo.

São tidos muitas vezes como insensíveis, mas isso é porque de onde estão conseguem ver os problemas de forma panorâmica.

Geralmente são chamados para casos de injustiça, traição (de todas as espécies e formas), confusão mental, desatino e também em casos de retorno (lei do Karma).

Utilizam muito do cuité com água mineral e também trazem as cores Marrom, Vermelho, Verde e Branco, inclusive em suas velas.

Raramente se apresentam fumando e gostam de agir de forma oculta, só se manifestando quando é realmente necessário. Justamente por isso suas luas de maior influência são a fase de Lua Nova e a Lua Cheia.

Dentro do conhecimento do terreiro é dito que a Lua Cheia e a Lua Nova devem pesar a mesma coisa (consciente e inconsciente) que só assim o indivíduo estará equilibrado. Costumam receber as suas entregas em pedreiras, rochedos e na própria cidade que é feita toda de pedra.

Podem manipular o fogo e também os elementais das tempestades, sendo que o trovão que é característico da força que rege essa linha, também é uma de suas atribuições. Se formos pensar assim, diríamos que Tupã (ou caboclo Tupã) é exatamente um caboclo de Xangô, pois sua manifestação é o Trovão e o Raio.

São líderes políticos, sociais e não líderes militares. Apresentam em seus pontos-riscados geralmente estrelas, sendo de cinco ou seis pontas, o machado e também flechas curvas, raios e trovões.

CABOCLAS DOS VENTOS.

Linha de trabalho regida - e inserida - dentro da Linha dos Ventos ou de lانسã. São em sua maioria encantadas que tem uma proximidade muito grande com os ventos, com as tempestades, com os raios e relâmpagos.

Atuam de forma muito próxima também aos silfos, assim como os caboclos de Ogum. Regem também tufões, ciclones, furacões e toda sorte e fenômenos que envolvem o ar, justamente por isso também rege a fala.

Por ter essa regência sobre a fala, ou a manipulação do ar em ondas que simulam a voz, suas encantadas podem se comunicar pela voz do médium.

Geralmente chegam rodando e dançando e com caras de bravas, podem andar por todo o terreiro girando sem que suas médiuns sequer esbarre em qualquer coisa. São leves e graciosas e suas consultas são pontuais, vorazes e muito acertadas. Por se tratarem de encantadas, geralmente em todas as fases da lua estão com suas energias equilibradas.

Costumam apresentar como animais de poder a figura do Búfalo e também da Jaguatirica. Gostam de trabalhar com outros encantados, sendo que quando se unem com encantados das águas, provocam verdadeiras panacéias nos locais onde estão, limpando tudo e não deixando nada no lugar.

Não costumam se manifestar em médiuns do sexo masculino (apesar de poder fazê-lo) e também vemos poucos Caboclos dos Ventos encantados de lansa. O Caboclo dos Ventos ou Ventania, que muitos citam como sendo de lansa, na verdade é um representante de Xangô.

Também não são evocadas dentro das consultas, só quando há uma consulta pontual para que alguma entidade nessa vibração possa se comunicar.

Trabalham bastante com o perfume de alfazema e também com laços e fitas. Não costumamos fazer oferendas para essas caboclas, sendo que elas são ativadas quando há necessidade, por um dos caboclos de outras linhas que não são encantados.

Entretanto podem levar em suas oferendas velas verdes, amarelas e lilases, assim como flores nessas cores e suas entregas são geralmente feitas nas pedreiras ou em campos abertos.

Não costumam riscar pontos, mas quando riscam podemos notar flechas curvas, raios, sinal de vento e também o símbolo do infinito.

CABOCLAS DAS ÁGUAS

Pode parecer estranho eu estar nomeando tanto essa linha de caboclas, quanto a anterior como Caboclas, sendo que podemos encontrar caboclos nelas também.

Estou usando essa regra, neste caso, pela predominância de gêneros que encontramos dentro das linhas de trabalho. No caso da linha das Águas (e do mesmo caso da linha dos Ventos), a maioria dos encantados que se manifestam é de gênero (ou polaridade) femininos.

São caboclas e caboclos que raramente se manifestam para dar consulta, raras exceções são as da Cabocla Indaiá e da Cabocla do Mar ou Cabocla Marinha (também

tem o Caboclo do Mar e o Caboclo Marinho) e da Cabocla Bruxa-do-Mar, que na verdade é uma cabocla quimbandeira.

Dentre esses trabalhadores, há clara prevalência pelo elemento aquático em suas mais diversas manifestações, sendo que as caboclas de lemanjá, geralmente se ocupam das águas em todas suas manifestações, separando-se assim:

- Caboclas dos Rios e de Oxum: Águas doces.
- Caboclas do Mar: Águas salgadas.
- Caboclas de Nanã: Águas salobras.

O principal atributo desta linha é justamente a limpeza energética do ambiente e das pessoas, atuam ao lado de sereias, ninfas, ondinas, amaralinas, tritões e todos os elementais das águas e em alguns casos comungam com a deusa Iara e as suas subordinadas.

Não costumam riscar pontos, mas quando são passados pontos podemos encontrar a estrela de cinco pontas (sem cruzar as linhas), representando as estrelas do mar, um cuité, peixes, ondas (tanto na horizontal quanto na vertical), pérolas, conchas e também flechas.

Recebem geralmente as cores verde, azul-claro, azul-escuro, amarelo, lilás e rosa, seguindo o mesmo para suas velas.

Suas entregas geralmente são nos pontos de força dessas entidades, sejam as cachoeiras, rios, beira-mar e o mar em si. Lembrando de que não recomendo essas entregas, pois elas mais poluem do que ajudam.

Uma oferenda clássica dessa linha são os espelhos, pentes, sabonete e perfumes. Recomendo que caso alguém queira fazer esse tipo de oferta, que o faça doando kits de higiene pessoal para pessoas necessitadas.

Uma das oferendas mais aceitas, quando falamos de comidas, é a do manjar branco com ameixas. Eu recomendo o mesmo, que se faça o manjar e que leve para ser compartilhado com pessoas que precisem.

As caboclas das águas em sua grande maioria não falam, apenas emitem um som lamuriante e podemos diferenciar suas origens através da forma como esse choro

se dá, as oxuns (caboclas de Oxum) e dos rios são mais lamuriosas, as ondinas (de nanã) são mais saudosas e as demais são mais melodiosas.

Em meio aos animais de poder, encontramos todos aqueles que de alguma forma existem nas águas ou que dela podem fazer uso, inclusive sapos, rãs, sucuris e jibóias.

As águas são regidas pelas fases da Lua, logo a força das águas estará no seu ápice na Lua cheia e no seu nível mais baixo na Lua Nova, porém sabendo como usar as energias da lua, pode-se fazer trabalhos magísticos em todas as fases.

Esse é um mistério fundamentalmente feminino, não há como um homem incorporar uma sereia pela diferença no padrão vibratório. Essas entidades são encantados e as regras do politicamente correto não se aplicam a elas.

CABOCLA IARA OU OGUM IARA?

Ogum Iara ou Yara é um falangeiro de Ogum, é masculino e representa a força de Ogum presente nas águas doces.

Trabalha geralmente na purificação e na cura e ordena os espíritos que atuam nas cachoeiras nesses aspectos e domínios.

Atua muito alinhado com os Caboclos de Matas e os Caboclos de Rios. É um encantado, não fala nas manifestações mediúnicas e geralmente indica que quer um copo de água doce no seu ponto.

Cabocla Iara ou Yara é uma encantada dos rios, vem dentro da Legião de Caboclas de Oxum, na Linha de Iemanjá.

O Encantado é um ser não humano que vive em um plano paralelo ao nosso, mas que acaba convergindo com o nosso plano material/espiritual.

Em alguns casos podemos usar o termo Iara às sereias de água doce ou até mesmo a própria Oxum, visto que Iara é uma "deusa indígena"⁵.

⁵ Na realidade é um mito caboclo reinterpretado pela Umbanda. Seu nome deriva de Ipupiara que é um suposto monstro marinho nativo, nome este que quer dizer "O que está dentro d'água".

Seu nome originalmente 'Y-îara, pode também ser escrito como Uiara, quer dizer em tupi Senhora das Águas. Nisso pode ser também lemanjá,

Acredito que o termo se encontre mais para lemanjá visto que a figura da Deusa Iara é de uma índia com longos cabelos negros e olhos profundamente casatanhos, lembrando muito a imagem de lemanjá clássica que estamos acostumados a ver por aí.

CABOCLOS QUIMBANDEIROS

Caboclo Quimbandeiro é caboclo ou é exu? Todos fazem essa pergunta e eu os compreendo sendo exus com trejeitos de caboclo ou exus que foram indígenas ou são miscigenados e ainda caboclos com evolução moral não tão evoluída mas uma alta evolução intelectual (poder).

Curiosamente o regente maior da linha dos caboclos Quimbandeiros é um encantado chamado Pantera Negra, que hora pode aparecer como Exu e ora aparece como Caboclo, mas de fato isso se dá mais pela estrutura ritualística de cada casa. Se na casa é permitido Caboclo Quimbandeiro incorporar em giras de direita, eles assim aparecerão e dirão que são Caboclos Quimbandeiros, se não for permitido, dirão que são apenas Caboclos e ainda se a reprimenda for muito grande se manifestam como Exus, nas giras de esquerda.

De qualquer forma, eles trabalham exatamente como um exu trabalharia. Usam do marafo, das cores preto e vermelho, dos punhais, dos padês⁶ e terão até um linguajar muito próximo dos exus.

Dentro dessa linha há diversos caboclos encantados, como o próprio regente. Curiosamente essa falange está cada dia mais longe dos trabalhos de Umbanda. Um outro representante muito conhecido é o caboclo Arranca-Toco e o caboclo Tira-Teima.

⁶ Espécie de farofa dedicada aos Exus. Para saber mais sobre Exus, faça nosso Workshop "Exu - A Sombra da Umbanda", disponível no www.perdidoead.com.

CABOCLO DE PENA, CABOCLO ÍNDIO E CABOCLO DE COURO.

Nos terreiros mais antigos é comum ouvir pontos que falam sobre caboclos índios, caboclos de pena, caboclos flecheiros, caboclos puri, caboclos de couro e uma infinidade de outros termos.

Caboclos Puris, Bugres e Caboclos Flecheiros são denominações dos chamados Caboclos Índios, que foram realmente indígenas ou são encantados muito próximos a cultura indígena, até mesmo tendo sido deuses menores de algumas tribos.

Eles se manifestam com todo o jeito de índio clássico e inclusive alguns não conseguem se expressar na língua portuguesa. Mas, fica evidente que o tipo de transe tem que ser muito profundo, quando não inconsciente para que esses caboclos índios possam se manifestar.

Justamente por isso eles estão sumindo dos terreiros de Umbanda, pois os médiuns não são mais preparados para possuírem um transe profundo e quase não existem mais médiuns inconscientes.

Os caboclos de pena, são os caboclos que podem ser índios ou mestiços mas que ainda assim tiveram contato com o europeu, o homem branco e "civilizado".

Conseguem dialogar em português, apesar que às vezes eles utilizam muitos termos confusos e palavras erradas, além do sotaque arrastado. A maioria dos caboclos que se manifestam na Umbanda são caboclos de Pena.

Ser caboclo de Pena não quer dizer diretamente ser da família dos Pena, que possuem em suas linhas o Caboclo Pena Branca, Pena Verde, Pena Azul, Pena Vermelha, Pena Dourada, Pena Verde, Pena Preta, Pena Roxa, etc. Mas todos os caboclos da família pena também são caboclos de Pena.

Já o caboclo de couro é como eram chamados os boiadeiros que se manifestavam no começo. Como não havia ainda uma compreensão exata sobre o que eram estas entidades, eles se apresentavam como caboclos (pessoas do interior) que

usavam couro (a roupa típica dos vaqueiros). O seu representante mais conhecido é o próprio Caboclo Boiadeiro.

Engana-se quem ache que as Sete Linhas não comportam esses caboclos em sua estrutura original, pois os mesmos são muito relacionados com as forças de Ogum e também de Iansã, linha de Demanda e linha dos Ventos, justamente as atividades mais relacionadas com eles quando encarnados.

Raramente vemos um caboclo boiadeiro ou boiadeiro que seja encantado, mas existem encantados que adotaram esse jeito, inclusive um personagem folclórico do sul, conhecido como Negrinho do Pastoreio.

Aqui faço uma observação para quem está lendo sobre o folclore ou mitologia e está achando estranho, pois são figuras imaginárias. Pois bem, o imaginário também abriga os nossos caboclos, pretos-velhos, etc.

Tudo depende da crença e do ponto de vista, além disto, quando se acredita em algo e se dá força a algo, cria-se essa estrutura energética (egrégora) e muitas vezes até mesmo dá-se vida às formas pensamentos criadas.

Com essa energia toda massificada, não é de se duvidar que um encantado se aproprie da história, da forma e de tudo mais que nós acreditamos para se apresentar para os seus "crédulos". Isso também vale para entidades negativas e maléficas.

CABOCLO DA FAMÍLIA DOS PENAS

Não confundir os Caboclos de Pena, com os Caboclos da Família dos Penas, que são aqueles que carregam pena em seus nomes, como por exemplo o Caboclo Pena Branca, o Caboclo Pena Verde, o Caboclo Pena Azul, o Caboclo Pena Vermelha, o Caboclo Pena Dourada, o Caboclo Pena Roxa, o Caboclo Pena Preta, etc.

Todos são Caboclos de Oxóssi e suas cores não limitam seus domínios, só dão indícios de onde atuam.

- Branco = Universal, composto de todas as cores.
- Verde = Cura

- Azul = Proteção
- Vermelha = Justiça
- Dourada = Elevação Espiritual
- Roxa = Espiritualidade e Moral. Busca interior.
- Preta = Magia, muita magia!

Também deixe de lado o pensamento icônico e propagado de que o Caboclo Pena Branca é um Caboclo de Oxalá só porque tem o adjetivo Branco em seu nome. Na realidade, ele é um Caboclo de Oxóssi, da família dos Penas e que tem cruzamento com Oxalá.

Já conheci um dos integrantes da família do Pena Branca que trabalhava com cirurgias espirituais na ponta do punhal, além de ser na verdade uma Cabocla, ou seja, uma entidade feminina.

LINHA DOS BOIADEIROS

*"Vocês me chamam boiaqueiro
Não sou boiaqueiro não.
Eu sou tocador de gado,
Boiaqueiro é meu patrão."*

Muitas entidades que aparentemente estão desconectadas das Sete Linhas, encontram uma categorização nas falanges, legiões e povos. Para isso é necessário adentrar no estudo aprofundado das origens das manifestações e também ir a fundo em outras culturas e religiões.

Para começar esse tópico sobre os boiaqueiros deixo a seguinte reflexão, que sempre cito em minhas palestras:

*"Os baianos estão para os pretos-velhos, assim como
os boiaqueiros estão para os caboclos!"*

Para quem vê a Umbanda com os olhos atuais pode até se chocar com tal afirmação.

Contudo se a gente começa a voltar no tempo, no início das manifestações de caboclos nas mais diversas religiões espiritualista que a figura do caboclo se manifesta, podemos nos deparar com a figura de um Caboclo chamado Caboclo Boiadeiro e de seus pares os Caboclos de Couro. Também citamos isso no tópico destinado aos caboclos.

Os caboclos são também resultado da miscigenação que torna o povo brasileiro tão diferente no planeta todo, pois é o encontro entre a etnia europeia e a etnia indígena, a mistura desses dois sangues, o que os torna realmente caboclos.

Seriam os caboclos que se aproximaram mais dos brancos nos tempos iniciais da colonização brasileira, ainda quando em vida, aprenderam da cultura européia e se colocavam dentro das fazendas, tocando a boiada.

As ideias aqui podem variar, alguns autores consideram os caboclos boiadeiros como caboclos puros (indígenas), outros são caboclos mestiços e ainda para outros é uma linha totalmente a parte. São relacionados com Ogum e Oyá (lansã), mas também os vejo atuando com energias cruzadas de Oxóssi e até mesmo Xangô.

A sua irradiação com Ogum se dá devido ao uso dos cavalos, que são animais consagrados à energia de Ogum. Porém conduzem espíritos perdidos (irradiação de lansã), trazer justiça e equilíbrio a locais distantes que outros espíritos não alcançam (irradiação de Xangô) e também se embrenham pelas matas (irradiação de Oxóssi).

Seu domínio sobre os Eguns⁷ é devido a serem considerados aqueles que "tocam a boiada" de espíritos perdidos ou almas penadas para seus locais de necessidade e merecimento, que estavam reservados para eles.

Por meio de laços energéticos ou magnéticos, aprisionam esses espíritos em desequilíbrio - muitos até em estado de catatonia completa ou sonambulismo - e os encaminham aos campos da natureza nos quais poderão encontrar a ajuda que necessitam.

Na minha visão, todas as regências que são atribuídas aos caboclos de pena, também podem ser atribuídas aos boiadeiros.

⁷ Espíritos desencarnados.

Porém dentro de uma visão mais popular é dito que os boiadeiros são exus que evoluíram e mudaram de grau. Eu não vejo isso como completamente equivocado, porém não concordo plenamente, pois para um Exu deixar de ser Exu, ele deveria reencarnar - na minha opinião.

Mas suponhamos que o Exu possa ter evoluído, encarnado, desencarnado e aí então virado um boiadeiro, essa ideia faz sentido para mim.

Outro fato que os difere de exus é sua devoção, principalmente a Nossa Senhora Aparecida da Conceição. Não vemos essa devoção tão acentuada com os Exus.

Sua moral é bem mais evoluída, apesar de nem sempre ser acompanhada da evolução intelectual, o que faz deles espíritos muito próximos de nós humanos que ainda estamos tentando alcançar nossa moral.

*"Seu boiadeiro por aqui choveu,
Seu boiadeiro por aqui choveu,
Choveu que amarrotou,
Foi tanta água que meu boi nadou."*

Em suas entregas vejo muita relação das cores Amarelo e também Vermelho, mas podem usar as mais diversas cores para fitas e velas.

Geralmente gostam do laço de couro e também de instrumentos com muitas fitas amarradas.

O boiadeiro é a representação mais icônica do sertanejo clássico. Seus locais de entrega geralmente são nas estradas, principalmente nas trilhas de boiadas, recebem diversas comidas, inclusive a meladinha (cachaça, mel e limão).

São saudados com o Jetruá Boiadeiro ou Xetruá, algo que perdeu seu significado com o passar do tempo.

Geralmente acompanham as procissões religiosas e quando são interpelados sobre sua religião, dirão que são católicos e devotos da Virgem Maria.

Seus laços são emanções plasmadas por suas próprias capacidades magnéticas, não necessitando do elemento físico em si, usando-o apenas como um símbolo.

Chegam geralmente a incorporar com um sonoro: "Auô Boi!". Não são muito afeitos a darem consultas como outras linhas que veremos mais adiante, mas quando o fazem são sempre precisos, apesar do palavreado simples que muitos interpretam como xucro.

Estão sempre nas giras de Umbanda, mesmo não se manifestando pela mediunidade, trazendo espíritos para ouvir as preleções evangelizadoras.



ANCESTRALIDADE SAGRADA

Os Pretos-Velhos e as Pretas-Velhas fazem parte da origem da Umbanda e representam a ancestralidade e sabedoria.

Seguindo o mito de fundação da Umbanda, o preto-velho foi o segundo espírito a se manifestar em uma sessão umbandista - conduzida pelo Caboclo das 7 Encruzilhadas - foi Pai Antonio.

Espírito que se manifestava de forma diferente, trazendo certa humildade e subserviência, possivelmente representando a personalidade que era quando encarnado como negro escravizado em terras brasileiras.

Mas ao mesmo tempo que essa figura se mostrava humilde, pacata e até certo ponto-frágil, também era possível antever grande sabedoria e pureza em suas palavras.

A linha dos Pretos-Velhos, para alguns considerada a Linha das Almas, das Almas Santas ou Africana, traduz em muito a Umbanda: Um estrangeiro trazido a uma terra desconhecida servindo de escravo e que tinha a sua liberdade tolhida em todos os aspectos, sendo rebatizado com nomes católicos e carregando profunda humildade.

Apesar da Umbanda ser formada inicialmente pela polariadade: Caboclo e Preto-Velho, acredito que essa linha dos sábios Vovôs e Vovós é a que mais representa os valores umbandistas.

Carregado na mironga e no sotaque, sempre fazendo seus benzimentos típicos, vemos a confluência entre a cultura ancestral e tradicional com a temática católica, trazendo um universalismo primitivo incrível e eficaz. São os benzedores por excelência e é quase impossível não gostar de falar com um Preto-Velho.

Para algumas vertentes umbandistas os Pretos-Velhos vêm na Linha de Oxalá, em outras na Linha das Almas, para alguns na linha de Yorimá (Umbanda Esotérica/Iniciática) e em outras é a linha da Evolução, sustentada pelos Tronos da Evolução Obaluayê / Nanã Burukê (Umbanda Sagrada).

Dentro da minha tradição eles são representantes da linha de Oxalá, que é o Orixá Ancestral primordial. Até a manifestação de Oxalá lembra em muito a dos Pretos-Velhos

no terreiro, além do fato deles citarem muito: Que o Saravá de Nosso Senhor Jesus Cristo te abençoe!

Mas isso não quer dizer que não sofram irradiação dos demais Orixás, principalmente dos outros Orixás Ancestrais Omulu (Obaluayê) e Nanã Burukê. Além de todos os outros Orixás: Xangô, Iansã, Ogum, Oxum, etc.

Gostam muito de conversar, mas não são diretos em suas palavras. Preferem deixar o filho pensar depois de ouvir uma história.

Utilizam o tabaco - em cigarro de palha ou cachimbo - como forma de descarregar as energias negativas e pesadas, mas podem usar diversas ervas para tais fins.

Conheço alguns Vovôs que usam a mistura de Calêndula, Sálvia, Alecrim, Alfazema, Rosa Branca, Hortelã e Tabaco como fumo ritualístico.

Podem beber café amargo ou adoçado com rapadura ou mel. Alguns lugares aceitam ofertar vinho tinto ou marafo com mel.

Adoram um galho de erva para um cruzamento e um benzimento e podem benzer tanto através da água quanto através do fogo.

Vovô Francisco do Congo ensina um benzimento para ser auto-aplicado: Com um galho de arruda você pode fazer uma cruz em frente a própria testa, depois repete na garganta e por fim repete na frente do coração. Enquanto cruza vai dizendo:

"Senhor de Misericórdia, pelas chagas de Jesus, clamo a ti a vossa luz, para que mal nenhum perturbe o meu pensador, meu falador e meu coração, com amor, com perdão, cruza a frente e atrás, com humildade e sossego, fico na mão do cordeiro, assim sendo."

Por fim, joga-se o galho de arruda em água corrente ou fora no lixo, fora de casa.

Pode ser feito diariamente ou no intervalo de tempo que desejar. Sempre finalize os benzimentos com o agradecimento a Deus Maior, o Deus Pai e também reze um Pai Nosso e uma Ave Maria e faça o sinal da cruz.

A cor mais utilizada nas velas e fitas dessa linha é o Branco, porém também podemos ver o uso de violeta, roxo e lilás. Algumas vertentes utilizam velas nessas cores e também velas bi-color preta-e-branca.

Seus pratos ritualísticos são: Caruru, Mungunzá, Vatapá, Cuscuz, Bolo de Fubá, Pipoca, Bolo de Milho, Cural, Pamonha, Tutu de Feijão, Feijão Fradinho, Doce de Abóbora, Cocada, Rapadura e Batata Doce. Ainda podem receber coco seco, uvas verdes grandes, melão, pinha e pinhão.

Suas flores geralmente são brancas com muitas pétalas abertas, como crisântemo branco, margaridas, azaléia branca, palmas brancas, dalias brancas. Usam como ferramentas o terço, a cruz, a pomba, a bengala, o chapéu de palha, o cachimbo, etc.

Em seus pontos riscados é comum encontrar estrelas, cruzes, cachimbos, espirais (caracóis), bengalas, entre outros. A saudação a essa linha é **"Adorei as Almas" ou "Iaô Vovô, Iaô Vovó"**.

Dia 13 de Maio, comemora-se a promulgação da Lei Áurea, lei que determina a libertação de todos os seres humanos mantidos em regime de escravidão. Entretanto no meio umbandista também é o dia de homenagear os queridos trabalhadores da linha dos Pretos e Pretas-Velhos.

Entidade conhecidíssima e popularmente difundida. É muito comum encontrar alguém que ao fazer uma brincadeira fala no jeito característico desses abnegados espíritos: Suncê, Mizifio, Zinfio, etc.

É factual lembrar que já haviam manifestações de pretos-velhos mesmo antes do surgimento da Umbanda, mas foi nessa que essa linha se popularizou e se mesclou, não podemos pensar em Umbanda sem pensar nesses queridos guias.

Nem todo preto-velho foi escravo ou é um senhor idoso, alguns espíritos que trabalham nessa linha se apresentam como Pai, Mãe, Vô, Vó, Tio ou Tia.

Contudo nem todos tiveram a passagem pelo cativeiro ou sequer tem ascendência africana.

A linha dos pretos-velhos é emblemática, assumem a roupagem de um africano, ancião e geralmente com nome de batismo cristão. Não há linha que mostre melhor conformidade com o universalismo do que esta.

Ao mesmo tempo em que se pode ouvir um preto ou preta-velha rezar para Zambi, Olorum, Oxalá, também os vêem rezando para Jesus, São Francisco e São Benedito.

Geralmente eles se manifestam com a coluna arqueada, com os aspectos de um ancião mesmo, se sentam em seus tocos ou bancos, pedem o cuitê (cuia para beber água ou café), sua cachimba ou pito (o cachimbo ou o cigarro-de-palha) e uns raminhos de ervas.

Benedores e mirongueiros, os pretos-velhos eram os curadores naturais do povo da Senzala. Curam as dores da alma e do corpo, com suas rezas, beberagens, banhos de ervas, defumação e muita, mas muita fé.

O simbolismo da simplicidade destes guias aliada a conduta da sabedoria dos anos, os transformam em um dos mais carismáticos dos guias a trabalharem com a assistência dos que procuram os centros umbandistas.

Adoram "prosear" e geralmente depois do benzimento que sempre dão, com ervas, estalar de dedos, cachimbo ou outra forma, vêm uma palavra amiga e de incentivo.

Os Orixás que irradiam essa linha de trabalho são geralmente associados aos Anciões: Oxalá, Obaluayê e Nanã Buruquê.

Geralmente se utilizam de fios de contas (guias) com lágrimas de nossa senhora, cruzes, figas, ou em tonalidades de contas preto-e-branca.

Apresentam-se geralmente na incorporação de forma curvada, andando devagar, com fala mansa e amável.

Salve todos os pretos e pretas-velhas, que eles possam com suas vibrações de amor, caridade e fé trazer para nós a lição necessária de humildade e sabedoria.

Vamos render homenagens a aqueles que nos libertam da escravidão da vaidade e do orgulho todos os dias, com seus conselhos e broncas bem colocadas, sempre "comendo o mingau pelas beiradas".

Saravá a todos Pretos-Velhos e a todas Pretas-Velhas! Iaô Vovô e Iaô Vovó!

LEGIÕES DOS PRETOS-VELHOS

Geralmente na Umbanda tradicional essa linha de trabalho vem dentro da linha de Oxalá. Porém há também duas exceções, a dos Pretos Quenguelê que vem na linha de Xangô e alguns Preto-Velho Quimbandeiros que vêm na esquerda.

O arquétipo do preto-velho lembra muito Oxalá, inclusive usam muito terços, rezas, benzimentos, salmos e passagens bíblicas.

Tem gente que chama eles como povo das almas e isso acaba confundindo eles com os falangeiros da esquerda da linha das almas. Eles são os trabalhadores conhecidos das Almas Santas ou Almas Benditas.

OS POVOS E NAÇÕES DOS PRETOS-VELHOS:

Os Pretos-Velhos recebem algumas alcunhas, que podem dizer sobre sua localidade, mas será mesmo que é isso apenas?

O Preto-Velho não é uma entidade africana (salvo algumas raras exceções) que baixa nos terreiros. O Preto-Velho é na verdade bem cristão, vendo pelos nomes que carregam e pela forma como trabalham. Geralmente são pessoas descendentes dos africanos que foram escravizados já nascidos no Brasil ou foram trazidos para cá muito jovens.

Quando o nome é Pai Francisco do Congo por exemplo, podemos dizer que a sua nação realmente é o Congo? Mas e o que ocorre quando é um Pai João de Aruanda? Onde fica Aruanda?

Os Preto-Velho são separados por povos, se seguirmos a Umbanda Tradicional de Zélio, eles se manifestam na linha de Oxalá. Se seguirmos a Umbanda Popular de

Lourenço Braga, eles se manifestam na Linha Africana ou de Santo, também chamada de Linha de S. Cipriano.

Os mais comuns são:

- Povo da Costa;
- Povo do Congo;
- Povo de Angola;
- Povo de Benguela;
- Povo de Moçambique;
- Povo de Luanda;
- Povo da Guiné.

Mas e o Pai Arruda ou os tantos Beneditos de Aruanda? São povos dentro dos povos. Nesse caso Arruda, no do povo de Guiné e Aruanda no povo de Angola.

Ainda existe o povo de Cabinda, que está dentro da linha de Congo.

Vamos analisar algo? Congo, Angola, Luanda, Cabinda, Quenguelê e Benguela são todas regiões de cultura Bantu. Moçambique também entra dentro dessa influência cultural.

Está ficando clara a relação do povo Bantu com a Umbanda? E que a cultura Nagô/Yorubá é adição recente através do africanismo que tomou conta dessas vertentes modernas da Umbanda?

Entre si ainda mudam muito as manifestações das entidades, o povo de Guiné segue muito uma linha de conversa, de aconselhamento e conhece bastante as ervas.

O povo do Congo já é mais prático, conversam com um tom dócil, mas sempre com uma bronca ou ensinamento por trás e são mais focados nas quebras de demanda também.

O povo de Quenguelê se manifesta na linha de Xangô e alguns Preto-Velhos se portam de forma ereta e altiva, muitos são chamados de Tios, pois os enquadram como espíritos jovens. Mas é só lenda isso de avô, pai, tio, etc.

Ultimamente o nome da moda é Aruanda. O que tem de Preto-Velho de Aruanda por aí não tá escrito. Porém, ser de Aruanda não designa que o espírito provém de Oxalá

(como dissemos pela Umbanda Tradicional todos os Preto-Velhos são de Oxalá, com exceção dos Kimbandedeiros e dos Quenguelê).

Na verdade, isso é uma tentativa de criar um super-espírito que teria o poder altivo dos céus, seria um emissário do céu. Lembremo-nos que, seguindo o mito de fundação, quando a Umbanda foi fundamentada, quem se manifestou foi apenas Pai Antônio, apenas isso.

O Preto-Velho fundamentador da Umbanda não carregava Aruanda no seu nome para criar uma pompa que não lhe cabia.

Ainda temos alguns Preto-Velhos que são mais abasileirados, como o caso de Pai João da Caridade, o Nhô João ou João de Camargo.

Então temos também alguns outros Pretos-Velhos com nomes tais como das Almas, dos Cruzeiros, etc... De onde surgem eles? Quase todos estão dentro da linha de Angola, a maior e mais profícua das linhas.

Essa alcunha das Almas não quer dizer que eles são espíritos que trabalham na LINHA das ALMAS, mas que são Almas Santas que se preocupam com o preparo dos espíritos que desencarnam, fazendo-os aceitar melhor a situação em que se encontram e recolhem também os cascos energéticos encontrados nos cemitérios.

São também responsáveis por retirar dos Lêmures, as formas-astrais, que acabam por assustar os visitantes desavisados de cemitérios.

Os pretos-velhos do Cruzeiro também nada tem a ver com Obaluayê como é dito por aí (em partes), ele é apenas mais um servidor humilíssimo que demonstra que através da fé cristã, do calvário e do sofrimento consegue-se recuperar. Eles atuam na recuperação da fé dos espíritos já desencarnados e em sessões de atendimento, também dos encarnados.

Mas onde entra Obaluayê nisso tudo? Não entra! Mais uma modernidade, muito se pega do arquétipo de Obaluayê estar curvado e em uma posição semelhante a que os Preto-Velhos se manifestam. Até o uso das velas é diferente. Apesar dos Pretos-Velhos terem ligações com o mistério ancestral, assim como o próprio Obaluayê / Omulu, não quer dizer que um está subjugado ao outro.

Os Preto-Velho trabalham com velas brancas, com velas bicolor branco-preto ou com velas de tonalidade lilás, roxo, violeta e etc. Mas não é por causa de Obaluayê, mas sim porque essas cores violáceas são consagradas como cores espirituais, cores da morte e da passagem.

Resumindo: A cor já representava essa força, alguém equivocado foi lá e falou que era porque era a cor de Obaluayê, mas na verdade foi o inverso, virou de Obaluayê por já ser uma cor ligada a morte e espiritualidade. Além disso, a cor original de Omulu/Obaluayê é Vermelho/Preto/Branco, sempre usadas juntas ou apenas a vela branca, por Omulu estar ligado ao mistério ancestral onde todos recebem o branco.

POVO	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
DA COSTA	Povos que compreende também o povo da região da Costa da Mina, onde hoje estão os estados de Gana, Benim e Togo.	Povos que tem em sua característica a capacidade mercantilista e são bem flexíveis. Os baianos de Umbanda estão neste povo.
DO CONGO	Povos que ocupavam o local original do Reino do Congo. Abrangia desde o noroeste de Angola, a parte oeste de onde hoje é a República Democrática do Congo, a parte sudoeste e oeste da atual República do Congo e o centro-sul do Gabão.	Povos que tem dentro de sua característica mais marcante o combate aguerrido. São geralmente associados às forças de Ogum e Iansã.
DE ANGOLA	Ocupava o antigo Reino do Dongo, ao sul do Reino de Congo entre os rios Dande e Cuanza, a leste das regiões de Matamba e Lunda.	Povo que traz muito da influência Banto, mas com toques já de mistura dentro das práticas mágico-religiosas. É o grupo mais populoso e com diversos sub-grupos.
DE BENGUELA	Da região onde se compreendia o Reino de Benguela, pegando a maior parte da província de Benguela e o sul do Cuanza do Sul.	Benguela tem um lado muito mais focado na adivinhação e nos processos de curas espirituais.
DE MOÇAMBIQUE	Da região onde hoje é a República de Moçambique do	Povo mais aguerrido, geralmente formado por

	lado leste do continente Africano e banhada pelo Oceano Índico.	estrategistas militares. Associam muito suas forças as energias de Oxóssi e Ogum.
DE LUANDA	Da região onde era conhecido como Ilha de Luanda, parte do Reino de Dongo.	Povo pertencente a Angola, mas ganhando autonomia. Tem uma forte influência das forças de Oxum e Iemanjá.
DE GUINÉ	Região onde hoje conhecemos como Guiné-Bissau.	Povo de grande conhecimento no que tange às curas por meio das ervas e das rezas. São associados às energias de Ossaim e Oxóssi.
DE ARRUDA	Povos descendentes dos originários de Angola.	Povo que atua na quebra de demanda por meio de unguentos e magias vegetais. Podem trazer cura, mas preferem o trabalho de luta e recuperação de energia vital. Atuam sob influência de Ossaim, Oxóssi e Ogum.
DE QUENGUELÊ	Corruptela do nome Quenguela na região de Angola.	Povo de Angola, com forte influência dos mistérios ancestrais, é bem mais comum encontrar os chamados Tios e Tias do que os Pais e Mães, neste povo. São associados muito as energias da terra.
DE CABINDA	Parte do antigo Reino do Congo.	Cabinda tem uma forte influência de mistérios próximos a Nanã e Oxum. Atua dentro dos campos emocionais melhor que as demais classificações.
DE ARUANDA	Povos descendentes dos originários de Angola, já em solo brasileiro. Apesar de Aruanda poder ser ligada a uma região conhecida como Arruanda em Angola.	São pertencentes ao povo de Angola mas produzem mais sermões e lições espirituais. São aqueles guiados pela evolução espiritual e estão entre os mais elevados dos espíritos.

POVO DA BAHIA

Lembra quando eu disse que uma das falanges de Preto-Velho é a chamada Povo da Costa? Mas quem estaria lá compondo essa falange? Existem alguns Preto-Velho que são trabalhadores do mar, caíçaras, pescadores, etc. Porém, há um grupo que lá está que ninguém hoje em dia imagina.

É um povo que chega dançando, nada parece com um Preto-Velho clássico e geralmente solta um sonoro: OXENTE! Isso mesmo, os baianos.

A linha de baianos é uma "modernidade" que foi bem aceita dentro da Umbanda. Esta linha não estava na composição original e começou a ser mais vista dentro dos terreiros por meados dos anos 1960-70.

Geralmente são mais comuns no estado de São Paulo, mas podem ser encontrados por todos os cantos. Alguns os chamam de Paraibas ou Pernambucanos, mas geralmente o mais comum é mesmo baiano.

Porém o baiano aqui não quer dizer especificamente a região do estado da Bahia, mas algo mais amplo, para todo povo do nordeste.

Com a migração do povo do nordeste para São Paulo, muitos dos seus cultos ancestrais acabaram vindo junto. Entenda então Bahia mais como Baía, da questão geográfica.

baía

substantivo feminino

1. fisgr num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar.
2. p.ext. fisgr B lagoa em comunicação com um rio através de um canal.

Chocou-se? Então, isso é tradição.

Os Baianos nem sempre são baianos e podem até ser categorizados como Preto-Velhos.

Aqui a gente entra com aquela coisa estranha de falar de baiano, porque é um povo tão querido que quase não tenho como dizer nada sem lembrar do bom Baiano Severino, meu companheiro, amigo e protetor e do seu Zé do Coco, que trabalha pela mediunidade de minha tia (material) e mãe (espiritual), que é sem dúvida uma das entidades mais importantes na minha vida e que me possibilitou ser o que sou hoje.

Saravá ao povo da Bahia! Jetruá Baianos! Salve sua Estrela! Oxente!



NOVOS ARQUÉTIPOS NA UMBANDA

Dentro da Umbanda o termo arquétipo é utilizado para designar as linhas de trabalhos apresentadas. Desta forma, temos: Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Baianos, Boiadeiros, Marinheiros, Exus, Pombagiras e mais alguns.

Os arquétipos definem povos originários desta terra ou que estavam em sua base de formação, que é o caso de Caboclos e Pretos-Velho, por consequência seus descendentes como os Baianos, também aparecem aqui. Alguns outros arquétipos definem profissões, como: Marinheiro, Boiadeiro e alguns Mineiros (raros, mas existentes).

Mas tivemos relatos de algumas linhas um tanto diferentes como as de caminhoneiros, bruxas, circo, palhaços e até mendigos aparecendo em alguns terreiros. Até onde vai a inclusão? Seria uma loucura coletiva? Um erro pontual? Novos arquétipos podem ser adotados na Umbanda?

A compreensão destas linhas e da sua formatação sempre se dá para nós que estamos inseridos na religião e queremos compreendê-la de uma forma mais lógica, contudo, tudo o que nós formulamos no plano material, não é respaldado ou inscrito em pedra no plano espiritual. Essas estruturas são bem mais flexíveis do que aparentam, mas nós temos limitação em nosso entendimento e acabamos por definir esse mesmo limite em nossas mentes com estruturas hierárquicas e separadas.

Contudo compreendemos que dentro da Umbanda existem duas estruturas fundamentais, as quais damos os nomes de Caboclos e Pretos-Velhos, sendo que todas as demais seriam derivativas destas duas.

Porém temos uma questão aí, não é? A exceção fica por conta de Exu e Pombagira, que tem outro sistema de classificação próprio, pois estas entidades não são pilares da Umbanda, mas convidados desta.

Pode parecer estranho ouvindo assim, afinal a Umbanda está cheia de Exus e Pombagiras, mas isso fica mais claro quando entendemos que na Umbanda todos os espíritos podem participar, mesmo que não façam parte do pilar estrutural da religião.

Em nosso [podcast, no episódio 94 do Papo na Encruza, sobre Catimbó e Jurema](#), o pai Aderbal cita que dentro das suas práticas aparecem os povos ciganos, mas que de

fato eles não fato eles não pertencem nem ao catimbó e nem a jurema, mas por se aproximarem, eles possuem direito de trabalho e fala. O mesmo ocorre com os povos ciganos na Umbanda, assim como Exus e Pombagiras.

Mas voltando ao começo...

Como assim só tem Caboclo e Preto-Velho na Umbanda?

Pois é, é isso que a tradição apregoa. Os povos nativos, conhecidos dentro da Umbanda como caboclos e os povos africanos trazidos para o Brasil como mão de obra escravizada são as bases da formação da cultura de Umbanda.

Claramente que outras influências foram exercidas dentro da Umbanda como o próprio cristianismo popular e as práticas de magia ibérica, com uma tardia exposição ao espiritismo e uma invasão desse pensamento após 1920.

Caboclo acaba se tornando um termo genérico para indígena, porém é impreciso. O termo caboclo era empregado de duas formas distintas. Servia ora para designar o mestiço entre europeu e indígena, por outras vezes simbolizava o homem do campo, do interior, simples.

Com esse pensamento podemos dizer que TODOS os homens "simples" no ponto de vista das classes econômicas dominantes eram vistos como caboclos ou homens da terra. Desta forma, os boiadeiros que viviam no campo, tocando boiada podem ser considerados caboclos, os chamados caboclos de couro.

Na verdade, dentro dos caboclos temos três categorias: Caboclo Índio, Caboclo de Pena e Caboclo de Couro.

Com esse mesmo pensamento, os marinheiros também seriam uma espécie de caboclos, sendo conhecidos como Caiçaras, por muitas vezes. O Marinheiro da Umbanda não é exatamente um indivíduo que serviu a MARINHA MILITAR, mas pode ter servido a marinha mercante, ter sido um pescador, um homem do litoral e até mesmo um náufrago.

E os pretos-velhos?

Bom, os pretos-velhos também acabam enveredando para o ramo caboclo em algumas oportunidades, principalmente os descendentes de indígenas com africanos,

que eram tidos em alguns casos como caboclos boiadeiros nas fazendas. Mas na umbanda raramente veremos eles se manifestando como caboclos, sendo que quando se manifestam eles falam que são Caboclos Africanos como o Pai Zulu ou Caboclo Africano Zulu, como exemplos.

Contudo, temos a figura do baiano, que muitos nem sabem se tá na direita ou na esquerda da Umbanda, pois eles trabalham tanto com coisas de cunho elevatório espiritual (na visão da Umbanda, o pensamento coletivo), quanto com coisas mais materiais (na visão da Umbanda, um pensamento mais individual).

Quem são essas figuras? Eles são espíritos de ex-sacerdotes, feiticeiros, que possuem sangue originário africano ou são seus descendentes e que trazem as suas mandingas para os chãos do terreiro. Eles podem fazer tanto magia de direita, quanto de esquerda, pois um sacerdote ou pai/mãe de santo também o fazem dentro do seu ofício nas macumbas.

Os baianos são considerados pretos-velhos mais jovens, tanto em questão de idade em vida, quanto de mais recentes no desencarne. Muitos são colocados dentro da categoria do Povo da Costa, na Legião dos Pretos-Velhos, dentro da Falange de São Benedito, na Linha de Oxalá.

Então para facilitar, siga o diagrama abaixo:

ARQUÉTIPOS NA UMBANDA

CABOCLOS

- Caboclo Índio
- Caboclo de Pena
- Caboclo de Couro
- Boiadeiros
- Marinheiros

PRETOS-VELHOS

- Pretos-Velhos (Linha de Oxalá)
- Pretos-Velhos de Xangô (Quenguelê)
- Baianos



Mas e quanto a essas novas linhas? Seria possível com o avanço da religião outras profissões serem incluídas? E os outros povos como os indianos, egípcios, astecas, celtas, etc.?

A tentação de criar novas linhas para incluir todos os espíritos do mundo é muito grande, contudo, o que é a Umbanda? É uma prática religiosa brasileira de culto aos antepassados da nossa terra. Quem são esses antepassados? Os povos formadores do povo brasileiro.

O Egípcio, o Turco, o Celta, o Asteca, o Indiano, o Judeu, todos esses povos, não foram formadores. Podem até serem incluídos trabalhando aqui e acolá, mas não são os povos formadores.

O Brasil é o país onde mais tem descendentes de japoneses fora do Japão, porém não somos um país formado por japoneses.

Para esses povos encontramos a linha do Oriente, ou melhor, [Falange do Oriente, incluída dentro da Linha de Xangô, sob a regência de São João Batista \(Xangô Caô\)](#). Aqui nesta linha encontramos egípcios, astecas, toltecas, maias, caraíbas, judeus, árabes, berberes, celtas, romanos, etc.

Encontraremos samurais? Pode ser que sim, afinal tem o povo do Japão incluído, assim como da China e outros povos do oriente.

Mas e quanto a novas profissões como caminhoneiros, palhaços, artistas circenses? Eu creio que isso já é um pouco de exagero. Podemos ter bruxas? Sim, mas a maior parte delas ou estão na Falange do Oriente ou se apresentam como Pombagiras. Podemos encontrar os mendicantes? Podemos sim, mas não sei se exatamente uma linha de mendigos. Existem os povos mendicantes dentro dos povos de Exu e Pombagira, que são os Molambos ou Mulambos.

Então, acredito que a religião como uma religião de culto aos antepassados não precisa de novas linhas e novos arquétipos, sendo que isso descaracterizaria essa religião. Contudo espíritos de caminhoneiros, por exemplo, podem se manifestar com algum outro arquétipo, se tiverem a permissão para serem guias de Umbanda.

"Mas isso não seria mentir?" – Você pode estar se perguntando.

A resposta é bem simples: Não!

Afinal, quem garante que em vidas anteriores, aquele espírito não tenha tido uma vivência como um dos povos formadores do povo brasileiro, ou seja, não tenha sido um antepassado? Ele pode resgatar essa existência para o trabalho.

NOMES DE GUIAS IGUAIS

A coisa mais comum é um consulente dar preferência a certa entidade que já tenha familiaridade, ainda mais se ela trazer um nome na qual o consulente já tenha confiança.

Porém, essa questão de nome das entidades, também traz algumas dúvidas básicas, pois como pode um Caboclo Arranca-Toco estar incorporado aqui e em outro terreiro? Ou ainda pior, como pode no mesmo terreiro ter dois Caboclos Arranca-Toco trabalhando juntos?

A resposta para essas perguntas é simples: É porque são entidades diferentes que se utilizam do mesmo nome!

A ideia pode parecer óbvia para quem já frequenta o terreiro há muito tempo, porém o mesmo não é verdadeiro quando se tratam dos iniciantes.

Os guias espirituais se utilizam na verdade de nomes simbólicos, que representam a sua falange e linha de atuação. No caso do caboclo do exemplo ele é um, entre muitos, caboclos Arranca-Toco.

São espíritos que têm afinidade com o caboclo Arranca-Toco original, que pode até ser mesmo um ser encantado – um espírito que pode nunca ter vivenciado uma existência humana.

Na verdade, o Caboclo Arranca-Toco que incorpora no médium João, pode ter sido André em uma vida, e o Caboclo Arranca-Toco que incorpora no médium José, pode ter sido Sebastião, mas quando tomados pelo arquétipo da sua linha de atuação,

tomam para si os trejeitos e a forma de agir do Caboclo Arranca-Toco original, que seria o sustentador dessas entidades com esse mesmo nome.

Mas mesmo assim, algumas particularidades fazem com que as manifestações sejam próximas, similares, mas nunca idênticas. Isso se deve ao que é comumente conhecido como terceira energia.

Os nomes, em alguns casos, podem ser interpretados, trazendo assim uma maior compreensão sobre as linhas de atuação, Orixás e forças que regem aquele espírito-guia.

Por exemplo, o Orixá patrono da linha dos Caboclos é Oxóssi, independente para qual linha que o Caboclo trabalhe, Oxóssi sempre será seu sustentador. Prosseguindo no nome temos o Arranca e Toco, Arranca pode ser considerado como uma chave para a energia de Ogum, pelo gesto de força que representa essa palavra e Toco é o que restou de uma árvore morta, podendo ser atribuído a Omulu.

Logo esse caboclo é apadrinhado por Oxóssi em sua linha, ainda sendo um caboclo de Ogum e Omulu, militando nessas forças. Assim dizemos que é um Caboclo de Oxóssi cruzado com Ogum e Omulu, apesar de que na Umbanda Tradicional apenas Oxóssi, Ogum e Xangô, arregimentaram caboclos.

Ogum é a Ordem e Lei, Omulu pode ser considerado o efeito paralisador, aquele que diminui o tempo das pessoas, cria doenças e as cura, faz minguar mas também faz mudar e outras coisas mais.

Então podemos ter que esse caboclo traz em seus atributos combater a paralisação através da ordem e também atuar trazendo a ordem para seres que se encontram paralisado em suas negatividades.

Poderíamos desdobrar mais e mais ainda, falando que ele é um caboclo que traria a paralisação dos seres negativados de forma ordeira e de acordo com a lei, porém em alguns casos com ímpetos de força.

Mas, essa não é uma ciência exata, devido a algumas entidades militarem em mais forças do que simbolizam seus nomes, pois eles podem optar por ocultar alguns atributos, que muitas vezes acabam sendo representados em seus pontos riscados; ou

então podem se utilizar de nomes simbólicos mas fechados. Como Pai Joaquim de Angola.

Não dá pra determinar as forças que Pai Joaquim trabalha só pelo seu nome. Nesses casos devemos nos atentar para a simbologia em seus pontos riscados ou, melhor até, perguntar para a própria entidade.

O estudo detido do nome da entidade, sua linha de atuação, seu ponto riscado, entre outros traz para o estudante – como todo médium deveria ser – uma maior assertividade nos trabalhos.

A LINHA DE CRIANÇAS NA UMBANDA

Uma das linhas mais misteriosas dentro da Umbanda e que causa tanto fascínio quanto medo. Esta é a linha das crianças, também conhecida como Linha de Cosme e Damião, Linha de Erês, Linha dos Ibejis e Linha dos Cosminhos.

Esta linha, apesar de poucas informações, é uma das mais confusas, visto que a gente tem várias nomenclaturas para, supostamente, a mesma entidade: Crianças, Erês, Ibejis, Cosmes, Dois-Dois, etc.

Muito dessa confusão se dá pela mistura entre teologia, fundamentação, cultura e mitos dos Candomblés e da Umbanda.

Ibeji, a princípio são entidades ou divindades africanas de origem nagô, que representam o mistério dos gêmeos, dos polos opostos e complementares. Geralmente os Ibeji são representados como infantes. Já, Cosme e Damião, são santos católicos, que praticavam a medicina e que podem também ser confundidos com os Ibeji pelo sincretismo, associando as coisas de forma incorreta.

Mas esse artigo é para falar sobre a linha de Trabalho das Crianças, que está inserida dentro da Primeira Linha, a da Fé (Oxalá), nas falanges de Cosme e Damião. Dentro destas falanges encontramos uma legião dedicada às crianças, que são espíritos em sua maioria encantados, naturais, que não possuíram uma vivência humana anterior.

Quando falamos assim, parece até uma insanidade pensar que existem diversos espíritos que acabam se manifestando na Umbanda, que de fato não tiveram vidas

humanas, porém, diferentemente de outros encantados, esses espíritos possivelmente sentem atração pelo campo material humano e por sua linha evolutiva, tanto no auxílio, quanto numa futura encarnação nesta realidade, para então começar a evolução dentro dos parâmetros humanos.

Associamos a eles uma visão mais infantilizada, pois como espíritos puros, ainda não passaram pelos meandros da existência humana.

Podemos assumir que "não pegaram a malícia e a maldade" que nos é pertinente e por isso muitas vezes se manifestam de uma forma inocente, quase desconexa. Vemos essa estranheza pois muitos se manifestam dizendo que não tiveram pais e mães, que atuam em locais fantásticos onde a natureza é extremamente exuberante e citam personagens que julgamos míticos ou folclóricos como se fossem amigos de um chá da tarde.

Tudo isso se dá pelo seu plano de realidade ser diferente do nosso, porém se manifestam na Umbanda de uma forma pura, para trazer dentro de suas capacidades a magia mais elemental que podemos encontrar. Inclusive é muito comum ouvir a frase: "Em mironga de erê, ninguém consegue mexer".

Essa frase não é de todo errada, pois os erês por estarem mais próximos a pureza elemental conseguem manipular de uma forma totalmente diferente as energias da criação e da natureza, desta forma para desfazer algo que um erê fez, só outro erê.

Da mesma forma que manifestam esse poder bruto, podem ser extremamente prejudiciais quando mal direcionados, por isso, dentro da Umbanda, todo espírito infantil vem sempre acompanhado de uma figura de autoridade e sabedoria, o que traduzimos como o arquétipo do Preto-Velho.

Justamente por causa dessa sua falta de "maturidade" e de "empatia humana" é que ele não pode ser um Chefe-de-Coroa, porém pode ser sim um Guia-de-Frente, sendo o trabalhador mais frequente nas incorporações e manifestações mediúnicas de auxílio.

Mas ainda temos algumas perguntas não respondidas, como por exemplo, o porquê que esses espíritos são sempre retratados como crianças levadas que gostam muito de doces e fazem sempre travessuras.

Neste caso, a resposta que posso dar é que isso é em grande parte devido a mistificação e ao animismo do médium, que peca em estudo, que peca em aprofundar-se nos mistérios da incorporação e da espiritualidade e que muitas vezes fantasia e dá vazão a seus próprios desatinos e desequilíbrios. É quase uma forma de extravasar a criança interior que esse médium calou durante muito tempo.

Porém, nestes casos devemos ficar alertas e encaminhar os médiuns para um tratamento espiritual. O problema neste caso é que esta é uma visão tão enraizada dentro da cultura de Umbanda, que muitas vezes casas inteiras – inclusive seus dirigentes – se manifestam dessas formas mais esdrúxulas possíveis. Isso seria bom – de fato – para a Umbanda?

Zélio Fernandino de Moraes, já relatava sua preocupação com a manifestação destes tipos de espíritos, que poderiam incorrer da [mistificação e do animismo](#) dos médiuns em desequilíbrio.

De outra forma, nem só esses encantados se manifestam na Umbanda como crianças. Temos ainda uma outra classe de espíritos que se manifestam como crianças, mas não são crianças de fato. Estes espíritos usam desta roupagem fluidica para quebrar as amarras de espíritos embrutecidos e corações fechados, fazendo com que a docilidade e receptividade das crianças possam tocar a Alma em necessidade.

Sempre que toco neste assunto, me questionam o porquê de não serem espíritos de crianças realmente vindo se manifestar. Para isso precisamos entrar em debates mais profundos, que nem sempre (nunca!) são agradáveis para nossas ilusões.

O Espírito humano é um ser que se apega às vidas que possui e não abrirá mão tão facilmente de uma identidade que ficou impregnada em seu mental por tantos anos. Para explicar melhor essa questão, precisarei exemplificar.

Levando em consideração uma pessoa chamada Marcos com 80 anos de idade, que venha a desencarnar, podemos considerar que este mesmo espírito possa vir em uma futura encarnação como Antônio e neste caso, desencarnar com tenra idade. Vamos aqui para questões de exemplo fixar a idade de sete anos para essa existência como Antônio, anteriormente conhecido como Marcos.

Uso aqui a idade de sete anos, por ser um número emblemático na Umbanda e também por ser a data limite da mediunidade aberta. Mas também optei por esse limite,

pois a maioria das crianças que se manifestam dentro da Umbanda dizem não ter mais de sete anos, com raríssimas exceções que nem podemos considerar muito, pois pode ser animismo ou mistificação.

Neste caso de nosso exemplo, Antônio, teve apenas sete anos como criança. Levando em consideração a média das crianças, podemos dizer que ele não adquiriu experiências suficientemente para dizer que foi uma encarnação mais importante – do ponto de vista de conhecimento – do que a que ele teve como Marcos. Neste caso ele passou 80 anos inserido em uma vida, com conhecimentos, desafios emocionais, sentimentais, mentais e espirituais.

Quando do desencarne, o Espírito de Antônio sente a vibração e influência da existência como Marcos muito mais forte, e com certeza voltará a se plasmar com a aparência e com todo conhecimento que possuía como Marcos.

Porém, caso ele entre para as fileiras de espírito de trabalho, ele pode assumir sua última forma astral – como Antônio – para dar atendimento como criança nos terreiros.

A questão é como diferenciar um Encantado de um Espírito Humano? Isso se dá pela forma de manifestação. Os Encantados são mais estranhos a coisas comuns do dia-a-dia, irão perguntar coisas bobas que todos os encarnados sabem, pois fazem isso todos os dias. Além disso, muitos não vão comer doces, irão preferir a natureza, irão dar preferência para frutas e sucos, além de claro dizerem que nunca tiveram papai e mamãe.

Compreendemos aqui como é tão complexo esse assunto sobre Crianças?

O que quero deixar claro é que a visão de inocência deles se dá pela não experiência nas questões humanas, porém isso não os torna menos poderosos ou eficientes. Um Erê ou Criança é uma entidade de grande poder de realização que muitas vezes é subjugada ou mal-utilizada. Justamente por isso, devemos muitas vezes nos desfazer de certas ilusões, para entender de fato o escopo dos trabalhos das entidades.

De qualquer forma, eles também são comemorados no dia 27 de Setembro, junto a Cosme e Damião que são regentes da falange maior que os abarca. Saravá a todas as Crianças!

TODOS OS ESPÍRITOS DA UMBANDA JÁ TIVERAM VIDAS?

Quando falamos sobre vidas, podemos nos confundir, pois de certa forma a vida também se faz no plano espiritual e nos planos de encantamento. Existem seres que nunca tiveram um corpo físico como o nosso, mas ainda assim possuem vidas, com livre-arbítrio, com sentimentos e com necessidades.

A esses espíritos damos o nome genérico de Encantados que podem ser de diversos tipos: bondosos, prestativos, altruístas, egoístas, maldosos, inertes, indiferentes, etc.

Existem espíritos encantados que não gostam nada do que nós humanos fazemos e dão um jeito de orientar ou prejudicar, conforme sua natureza. Outros são completamente indiferentes a nossa existência, seja porque não se preocupam conosco, seja porque somos formigas para eles, e alguns chegam a trabalhar dentro da espiritualidade para nos ajudar.

Dentro da Umbanda encontramos encantados em diversas linhas, mas preferencialmente nas de caboclos, falangeiros de Ogum e Xangô, nas linhas das águas e dos ventos, assim como os próprios erês.

Os Encantados vivem num mundo à parte mas que se conecta com o nosso, como se eles se tocassem ou coexistissem, outros vivem em dimensões completamente diferentes e alienígenas, sendo que alguns elementos (como os cristais) servem de portais para que eles possam ser evocados ou acessados.

Existem encantados com formas humanas, humanóides, estranhas, animais e até mesmo sem uma forma bem definida. Todos os elementais, gênios, divindades e afins, acabam sendo de certa forma encantados, mas nem sempre encantados naturais.

O encantado natural é aquele que foi CRIADO desta forma. O encantado QUE SE ENCANTOU é aquele que adquiriu essa condição, mudou de dimensão sem passar pela morte, como exemplo temos Xangô, Ogum, Elias, Dom Sebastião, Negrinho do Pastoreio, etc.

Alguns desses encantados podem incorporar, outros podem até simular exatamente uma vivência humana (crianças e alguns marinheiros), mas a maioria é muito diferente e percebemos claramente essa diferença em suas manifestações.

TABELAS RÁPIDAS

LINHA DE TRABALHO	VELA	COR	DOMÍNIOS
CABOCLOS	VERDE	VERDE	CURA, SABEDORIA, PROSPERIDADE, ACONSELHAMENTO, ERVAS, CORAGEM, FORÇA, ABERTURA DE CAMINHOS, HARMONIA.
DE OXÓSSI	VERDE	VERDE	CURA, PROSPERIDADE, ABUNDÂNCIA, INTELIGÊNCIA, CONCENTRAÇÃO.
DE OGUM	VERDE E VERMELHA	VERMELHO	CURA, ABERTURA DE CAMINHOS, DEMANDAS, GUERRA, LUTA, FORÇA, CORAGEM.
DE XANGÔ	VERDE E MARROM	MARROM	CURA, HARMONIA, EQUILÍBRIO, PAZ, JUSTIÇA, SABEDORIA, RAZÃO.
DE IANSÃ	AMARELO	AMARELO	MOVIMENTO, DIRECIONAMENTO, MUDANÇAS, DEMANDA, ENCAMINHAMENTO.
DE OXUM	AZUL-ESCURO	AZUL-ESCURO	SENTIMENTOS, LIMPEZA ESPIRITUAL E EMOCIONAL.
MARINHEIROS	AZUL-CLARO	AZUL-CLARO	TODOS OS ATRIBUTOS DE IEMANJÁ E OXUM.
BOIADEIROS	AZUL-ESCURO	AZUL-ESCURO	CORAGEM, ABERTURA DE CAMINHOS, LAÇAR ESPÍRITOS PERDIDOS, ENCONTRAR CAMINHOS.

LINHA DE TRABALHO	VELA	COR	DOMÍNIOS
PRETOS-VELHOS	BRANCA	BRANCO	PAZ, SABEDORIA, ANCESTRALIDADE, CURA, MAGIA, PROSPERIDADE.
OXALÁ	BRANCA	BRANCO	PAZ, ANCESTRALIDADE, CURA.
QUENGUELÊ	MARROM	MARROM	QUEBRA DE DEMANDA, JUSTIÇA, DESFAZER MAGIA.
BAIANOS	AMARELA, VERDE E VERMELHO	AMARELO	MAGIA, PROSPERIDADE, CURA, SENTIMENTOS.
NANÃ BURUKÊ	LILÁS	LILÁS	ANCESTRALIDADE, SABEDORIA E CURA.
CRIANÇAS	ROSA E AZUL-CLARO	ROSA, AZUL-CLARO E BRANCO	MAGIA, PURIFICAÇÃO, CURA, PROSPERIDADE E TODA SORTE DE FUNDAMENTO

LINHA DE TRABALHO	COMIDA	BEBIDA	FUMO
CABOCLOS	MILHO	CERVEJA BRANCA	CHARUTO
DE OXÓSSI	MILHO, AMENDOIM E COCO RALADO	CERVEJA BRANCA, ÁGUA DE COCO, SUCO DE FRUTAS	CHARUTOS CLAROS
DE OGUM	FEIJÃO PRETO E MILHO	CERVEJA BRANCA	CHARUTOS CLAROS OU ESCUROS
DE XANGÔ	AMALÁ DE QUIABO E FARINHA DE MILHO	CERVEJA PRETA	CHARUTO ESCURO
DE IANSÃ	FEIJÃO FRADINHO	VINHO ROSÉ	CHARUTO CLARO
DE OXUM	FEIJÃO FRADINHO	VINHO MOSCATEL	CHARUTO CLARO
MARINHEIROS	PEIXE, CANJICA BRANCA E CAMARÃO	RUM, CACHAÇA BRANCA	FUMO PICADO PARA CACHIMBO, CIGARRO DE PALHA
BOIADEIROS	FEIJÃO TROPEIRO	CACHAÇA BRANCA	FUMO PICADO CIGARRO DE PALHA
PRETOS-VELHOS	CANJICA BRANCA	CAFÉ SEM AÇÚCAR	FUMO PICADO E CIGARRO DE PALHA
OXALÁ	CANJICA BRANCA	CAFÉ SEM AÇÚCAR CAFÉ COM CACHAÇA VINHO TINTO	FUMO PICADO PARA CACHIMBO OU CIGARRO DE PALHA
QUENGUELÊ	AMALÁ DE XANGÔ	CAFÉ	FUMO PICADO PARA CACHIMBO OU CIGARRO DE PALHA

BAIANOS	JERIMUM COM CARNE SECA	BATIDA DE COCO CACHAÇA ÁGUA DE COCO	CIGARRO DE PALHA CHARUTO
NANÃ BURUKÊ	QUIRERA AMARELA	VINHO TINTO DE MESA	FUMO PICADO PARA CACHIMBO OU CIGARRO DE PALHA
CRIANÇAS	DOCES E FRUTAS	REFRIGERANTE E SUCOS	-

QUEM É DOUGLAS RAINHO?



Douglas Rainho é dirigente da Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge, localizada no bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo - SP. Bacharel em Ciência da Computação, pós-graduado em Naturopatia e pós-graduado em Teologia, procura sempre estudar temas pertinentes à magia e à espiritualidade. Sacerdote de Quimbanda Nagô, conhecido por Zelawapanzu, está à frente dos trabalhos do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri.

Autor do blog **Perdido em Pensamentos** (www.perdido.co) onde propõe a tratar dos assuntos que lhe são pertinentes como Espiritualidade, Umbanda, Magia e Terapias Naturais.

Também é apresentador do **Papo na Encruza**, podcast sobre Macumbaria no geral, disponível em www.paponaencruza.com.

Já ministrou diversas palestras, workshops e cursos na área de Espiritualidade e Religião e tem como grande paixão a divulgação do conhecimento com seu contumaz sarcasmo e sua ironia peculiar. Atualmente é ministrante no **Núcleo de Estudos Sapienza** (www.nucleosapienza.com) para Terapias Naturais e no **PerdidoEAD** para temas ligados a Religiosidade, Magia e Espiritualismo.

Para saber mais sobre o autor, siga seu perfil no Instagram: **@douglasrainho7** ou procure o mesmo em www.perdidoead.com.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

ENCANTARIA BRASILEIRA: O LIVRO DOS MESTRES, CABOCLOS E ENCANTADOS; PRANDI; Reginaldo; Ed. Pallas.

CONHECENDO A UMBANDA DENTRO DO TERREIRO; RAINHO, Douglas; Ed. Nova Senda.

A MAGIA, O ESPIRITISMO E AS 7 LINHAS DE UMBANDA; SOUZA; Leal.

HISTÓRIA DA UMBANDA; TRINDADE; Diamantino Fernandes; Ed. Conhecimento

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO:

Textos e Artigos do blog Perdido em Pensamentos (www.perdico.co).

Vídeos do YouTube do Canal Perdido em Pensamentos.
(www.youtube.com/perdidoco10)

Episódios de Podcast do Papo na Encruza. (www.paponaencruza.com)

Artigos e Apostilas das aulas de Umbanda de Douglas Rainho, na Tenda Espírita de Umbanda Chão de Jorge.